

## ÁGUA VIVA

Por Kiki Mazzucchelli

Água-viva, primeira exposição de Alexandre Wagner na Galeria Marília Razuk, reúne um conjunto de pinturas que, em um primeiro momento, podem ser percebidas como ramificações contemporâneas de um dos gêneros mais reconhecidos dentro da tradição pictórica: a pintura de paisagem. Embora seja possível identificar uma unidade temática nas vistas de estradas de terra, horizontes e matas apresentadas aqui, essa leitura mais imediata situaria o trabalho dentro da chave de um certo romantismo atávico; a qual, em minha opinião, desvia o foco de outros aspectos que me parecem mais determinantes no trabalho.

O modo como a tinta é diluída e aplicada, as diferentes faturas e intensidades encontradas em um mesmo campo pictórico, a paleta cromática que joga com os contrastes entre luz e sombra; tudo isso atesta à importância dada pelo artista aquilo que diz respeito ao fazer da pintura, colocando em segundo plano um compromisso maior com o ilusionismo ou a representação. Em outras palavras, a paisagem funciona como uma espécie de mote para pinturas que, acima de tudo, tratam de problemas relativos à própria pintura. Decididamente pictóricos (*malerisch*), esses trabalhos coalescem em imagens como que por um breve instante; no momento seguinte, sobressai a cor, a translucidez, as diferentes texturas: a própria matéria da pintura.

Essa oscilação constante é uma das características mais marcantes da obra de Wagner; algo que talvez seja possível apenas devido a escala desses trabalhos, que nunca atinge proporções heroicas, limitando-se ao pequeno e ao médio formato e invariavelmente - e até mesmo contra-intuitivamente - verticais. O esfacelamento da imagem, aliado ao tratamento dado a um espaço pictórico de dimensões modestas, confere uma ideia de fragilidade à essas pinturas, situando-as fora de uma vertente histórica da pintura associada a uma masculinidade virtuosa e incisiva que não permite hesitação ou dúvida. Até mesmo nos diferentes ritmos criados pela pincelada expressiva - que poderiam aparecer como índices de assertividade-, prevalece uma certa delicadeza que, em alguns momentos, lembra a graciosidade das paisagens vaporosas de Guignard.

Uma figura recorrente em muitas das pinturas que integram a exposição é o círculo, que aparece ora como um sol ora como uma lua

no horizonte em trabalhos como *Miragem* (2019) e *Cachalote* (2019); outras vezes como misteriosas lanternas alaranjadas nos troncos de uma paisagem alagada em *Lanternas* (2019); e, ainda, em outros momentos, como pontos luminosos levemente deslocados do centro da composição que acarretam uma completa desestabilização do espaço pictórico. Esse é o caso de *Assa-peixe* (2019), uma pintura em tons de laranja e verde atravessada de cima à baixo por uma área de cor comprimida por volumes que se estendem em direção ao centro desde os vértices da tela. A imagem produzida poderia ser entendida como a vista aérea de um caminho terra ladeado por morros, exceto pela inclusão de um círculo verde colocado um pouco abaixo do centro da pintura (sol / lua), que quase nos força a perceber o que vemos como um horizonte, ainda que horizonte de uma paisagem indefinida.

Esse efeito vertiginoso da “perda do chão” acontece também em pinturas como *Cambará* (2019), que poderia ser a vista de um céu desde o centro de uma cratera, um horizonte, o reflexo de um sol em uma lagoa observado de cima dessa mesma cratera. Para além de qualquer tipo de representação, a figura do círculo parece funcionar nesses trabalhos como uma espécie de dispositivo que serve para ancorar as composições, na medida em que cria um ponto focal em meio às camadas de pinceladas aquosas que sugerem uma matéria em fluxo, num movimento que vai em direção ao exterior do quadro. Ou seja, esses círculos acabam por criar uma espécie de centro em meio ao movimento de erosão da imagem que predomina nessas pinturas.

Como as águas vivas, o conjunto de obras apresentadas nessa exposição parece possuir uma morfologia cambiante; são pinturas em que a paisagem engendra o abismo do espaço e o abismo da imagem. Afastam-se, assim, de uma longa linhagem da pintura de paisagem ocidental que distingue a natureza da cultura, buscando domesticar ou apaziguar a primeira. O trabalho de Alexandre Wagner, pelo contrário, parece querer incorporar o aspecto vivo e em constante mutação dos organismos naturais, rejeitando conteúdos narrativos em favor da realidade da matéria da pintura, ao mesmo tempo sem recorrer às justificativas espirituais ou racionais tradicionalmente associadas às origens da pintura abstrata no ocidente. Como as águas-vivas, são pinturas invertebradas.

Kiki Mazzucchelli, 2021